GUIMARÃES, Frederico Sidney. Efeitos de sentido do amor no discurso por direitos dos homossexuais, Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 56-74, 2020. (ISSN: 2317-1006 - online).

EFEITOS DE SENTIDO DO AMOR NO DISCURSO POR DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS

THE MEANING EFECTS´ OF LOVE ON THE DISCOURSE FOR HOMOSEXUAL RIGHTS

Frederico Sidney Guimarães[1]

Resumo: Estre trabalho propõe refletir sobre o processo de significação da palavra amor nos discursos referentes à disputa por direitos dos homossexuais. Pelo deslocamento do sentido da palavra amor, objetiva-se entender a constituição dos sujeitos pelos seus posicionamentos no discurso. Sendo assim, considera-se o sujeito como dividido pela determinação dos aspectos tanto ideológicos, quanto inconscientes e o discurso como efeitos de sentido. Desta forma, há a filiação à teoria da Análise do Discurso iniciada por Michel Pêcheux na França e Eni Orlandi no Brasil. O *corpus* desse trabalho é resultado de seleção de postagens da rede social *facebook* e *links* relacionados a essas postagens como forma de manter a regularidade temática dos recortes discursivos.
Palavras chaves: Discurso; sujeito; amor

Abstract: This paper proposes to reflect on the process of signification on the word "love" in the discourses related to the dispute for homosexuals civil-rights´. Through the changing of the meaning of the word love, it aims to understand the constitution of the Subjects by their positions in the discourse. Thus, the Subject is considered as divided by the determination of both ideological and unconscious aspects, and discourse is understood as effects of meaning. So, there is the affiliation to the theory of Discourse Analysis initiated by Michel Pêcheux in France and Eni Orlandi in Brazil. The corpus of this work is the result of the selection of posts from the social network Facebook and links related to these posts as a way to maintain the thematic regularity.
Keywords: Discourse; Subject; to love.

Introdução

Amor, uma palavra que circula frequentemente quando o tema é direito civil dos homossexuais[2]. O amor, como será analisado nesse texto, justifica o apoio e a

[1] Colaborador do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de letras. fredsid@bol.com.br
[2] As referências a essa sexualidade serão feitas também pelo termo *gay*. Consideramos, portanto, a generalidade possível do sentido dos termos, que podem ser expressos, politicamente, no LGBTQ+

renúncia ao direito do homossexual existir como sujeito e/ou cidadão. Isso indica a discursividade e a circularidade dessa palavra na permissão do sujeito existir e, no caso, se constituir como tal. Sujeitos, então, são constituídos ao se posicionarem, tanto a favor quanto contra tal direito. Por amor, justificam-se atrocidades, desrespeitos, mas também se justificam o belo, o eterno e a satisfação. Seus efeitos de sentido opostos levam ao paradoxo que impõe o equívoco e a divisão do sujeito constituído no e pelo discurso.

Tal oposição, então, está inserida no jogo discursivo da palavra amor, principalmente quando tais jogos servem para discorrer, significar e constituir ações políticas, impondo posicionamentos. Por isso, esse trabalho se concentra na relação entre a disputa por direitos civis e seus processos de significação, conjugando história e linguagem.

A relação entre a linguagem e a história não é estável, nem uniforme, permitindo a própria constituição do sujeito no contraditório dessa relação. Isso nos faz considerar a semântica envolvida no termo amor associada aos fatores como: posicionamentos ideológicos; processos discursivos; história religiosa e militância política. Tais fatores não deixam de estar atrelados ao equívoco, que traz a noção do inconsciente atravessando a história e a língua em seus respectivos limites epistemológicos entendidos como o impossível do real (BALDINI & RIBEIRO, 2016)[3]. Por isso, nosso interesse não é apenas semântico-linguístico para analisar o termo amor, mas também ressaltar uma reflexão de conceitos teóricos envolvendo discurso, história e linguagem na constituição dos sujeitos.

Este trabalho, então, objetiva entender aspectos do deslocamento do sentido da palavra amor como forma de constituir sujeitos nos seus posicionamentos, divididos pela determinação dos aspectos tanto ideológicos, quanto inconscientes. Tais posicionamentos são percebidos nos dizeres dos sujeitos que expressam suas opiniões e participam dos debates sobre os direitos civis em questão, tendo o pressuposto de que a constituição do sujeito ocorre no próprio posicionamento pela sua inscrição no dizer.

---

tentando representar Lésbicas, gays, bissexuais, a pluralidade derivacional do sufixo trans, *queer*, questionando, *intersex*, aliado, pansexual, etc.

[3] O real em Pêcheux é entendido como o impossível: seja da articulação entre os campos do conhecimento histórico, linguístico e psicanalítico em seus respectivos limites epistemológicos; seja da leitura lacaniana que o conjuga com o simbólico e o imaginário.

Os direitos em questão são relacionados à maior permissividade e respeito às práticas sociais dos homossexuais como: constituição de famílias; expressões corporais; performatividade linguística; demonstrações de afeto; e demais práticas cotidianas. Os sentidos possíveis no discurso em que tais direitos são reivindicados demonstram uma disputa para além da causa política, perpassando aspectos ontológicos e deontológicos dos personagens e objetos[4] envolvidos no jogo das significações.

A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso elaborados inicialmente por Pêcheux (1997[1969]), na França, e Orlandi (1998), no Brasil, entendemos que o discurso não deve ser confundido com a fala ou com o enunciado em si. Pêcheux (1997[1969]), ao vincular a língua com as condições materiais da história, compreende o discurso como efeitos de sentido.

O funcionamento desses efeitos, então, não deve ser lido com uma base puramente lógica e demonstrável por recortes empíricos (os enunciados), mas através de uma abertura de possibilidades e articulações conceituais com as teorias que nos possibilitam refletir sobre a pessoa, sobre a coisa e sobre a conjuntura. Desta forma, esse trabalho não fica preso somente a aspectos linguísticos, mas se permite ler aspectos da filosofia, da psicanálise e da história.

Logo, o deslocamento do sentido da palavra amor será analisado como a possibilidade da mudança do posicionamento do sujeito. Metodologicamente, para empreendermos tal análise, recortamos postagens e/ou *links* de reportagens publicadas no grupo "todos contra homofobia, lesbofobia e transfobia" da rede social *Facebook*, envolvendo pronunciamentos contrários ou favoráveis aos direitos civis dos homossexuais. Esses recortes constituem as sequências discursivas (SD) entendidas como: "[...] sequências linguísticas nucleares, cujas realizações representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)" (MARIANI, 1996, p. 54).

São nas repetições e retornos que estariam os deslizes equivocando o sujeito. Isso faz a leitura das SDs constitutivas do *corpus* como um conjunto aberto de articulações (COURTINE, 2009, p. 115). Os enunciados são considerados por suas condições de produções diversas e podem referenciar processos discursivos opostos,

[4] Por exemplo: as definições sobre o homossexual e como ele deve se comportar, se vestir e se expressar.

conforme a caracterização da dicotomia entre um discurso religioso[5] e discurso militante neste texto. As SDs recortadas de textos compartilhados no grupo do *facebook* terão seus *links* disponibilizados nas respectivas notas de rodapé. Vale ressaltar que as SDs recortadas diretamente das postagens no grupo, por sua vez, terão suas imagens organizadas no final do texto indicadas como *figura 1.*

A partir das observações das postagens nesse grupo, os recortes foram relacionados à conjuntura de circulação dos possíveis sentidos da palavra amor. Como exemplo, a SD1 é um recorte de uma entrevista de um pastor que foi postada na forma de denúncia no grupo. Só por esse aspecto conjuntural, temos o estabelecimento de uma dicotomia entre discurso religioso e discurso militante.

O sentido religioso da SD1, além de ser a fala de um pastor, faz relação com o dizer bíblico que circula regulamente no discurso em defesa dos homossexuais: "amar o próximo como a si mesmo". Assim, justificamos o recorte bíblico que compõe a SD2, assim como tal recorte contempla também a polêmica sobre o acontecimento da parada do orgulho LGBTQ+ de 2011 em que o pastor da SD1 é acusado de usa violência contra os homossexuais, retratada na SD5. Os recortes que compõem as SDs, portanto, contemplam nossa preocupação em delimitar a repetição do emprego da palavra "amor" em relação ao contexto de afirmação de identidade e de direitos dos homossexuais, ressaltando tanto a movência do sentido como a circulação e significação da palavra amor em seus respectivos posicionamentos ideológicos.

No primeiro momento, a constituição do sujeito é analisada a partir da interpelação sobre o que se deve amar. Tal análise se desenvolve por meio da noção do sujeito dividido pela sua inscrição na linguagem a partir da relação entre o simbólico e o imaginário. Na segunda parte do texto, sem perder de vista o pressuposto teórico da divisão do sujeito, uma outra subjetividade é ressaltada, analisando a questão do amar como interpelando o próprio sujeito que ama.

O imaginário e simbólico no equívoco próprio do amor: ser amado

[5] Essa dicotomia é um filtro para o recorte de análise. Não se caracteriza todo o discurso religioso como oposto à militância por direitos civis, mas foram considerados aqueles que lhe fazem oposição para discorremos sobre a circulação do termo amor.

O caminho da nossa análise para discorrer sobre a constituição dos sujeitos no deslizamento dos sentidos do amor é feito a partir da reflexão dos conceitos referentes à linguística, à história (ideologia) e à psicanálise (inconsciente). O pressuposto básico do processo de constituição do sujeito na teoria do discurso de Pêcheux e na teoria psicanalítica lacaniana é a determinação: o *eu* não sendo senhor de sua própria casa. Se o pensar se configura como um ato, ele não é exatamente a consciência. O amor, então, não é uma mera opção ou cumprimento de uma ordem.

O dito e o sentimento não precisam ser considerados na lógica da consciência. Os deslizes do dizer, nesse caso sobre o dizer relacionado ao amor, não necessariamente são presos à intenção daquele que fala. A teoria da Análise do Discurso ressalta a disjunção entre o que se quer dizer e o que se diz pela reterritorialização do conceito do inconsciente da psicanálise Lacaniana: só há causa naquilo que falha (PÊCHEUX, 1995[1975]). Isso indica que nem mesmo o dispositivo teórico impede o equívoco do sujeito, ressaltando os deslizes, as retomadas e a ausência do controle daquilo que se diz.

Sendo assim, a reterritorialização do conceito do inconsciente é feita pela noção de que o sujeito esquece aquilo que o faz sujeito (PÊCHEUX, 1995[1975]). Ou seja, ser sujeito na Análise do Discurso não está associado ao se pensar sujeito, pois o que constitui o sujeito não está na certeza do pensamento. A certeza já é o resultado do assujetamento, é um efeito, não causa.

O sujeito que ama, então, é resultado, não origem. Entre a pessoa que diz e aqueles que observam o dizer, há uma infinidade de fatores históricos, linguísticos e psicanalíticos atuando tanto na construção dos significados como nos equívocos e deslizamentos. O sujeito, então, se efetiva no discurso, tanto pela constituição do seu inconsciente através da entrada na linguagem em termos lacanianos (MARIANI & MAGALHÃES, 2013) como pela interpelação ideológica (ORLANDI, 2001).

Essa noção sobre a constituição do sujeito permite o desenvolvimento das questões relativas às significações na disputa pelos direitos civis dos homossexuais. Se o sujeito é constituído no discurso, ele faz parte de uma conjuntura e se compõe pelas determinações dos dizeres considerados permitidos no seu funcionamento simbólico e imaginário. Nas palavras de Pêcheux: “[...] é hoje insustentável reduzir o <u>simbólico</u> a

um pressuposto genético da lógica e da linguagem. Ele entra em uma relação específica com o real e o imaginário" (2011[1982], p. 64)(grifo nosso).

Desta forma, a relação entre simbólico e imaginário é entendida, neste texto, como efetivada no processo discursivo. A teoria do Discurso entende a instância que determina o que pode e o que não pode ser dito como f*ormação discursiva* (PÊCHEUX, 1995[1975]). A *formação ideológica* permite que o sujeito se localize na sua posição social, por isso o *processo discursivo* se configura pela formação ideológica com a formação discursiva (PÊCHEUX, 1995[1975]), mantendo a relação da língua com a história.

Essa relação, como já ressaltada, não é estável. Os deslizes permitem o novo e o novo requer significação. Entre o que se deve dizer e a certeza sobre esses dizeres, há a noção do *acontecimento*, que reconfigura tais ordenações. Consideramos o acontecimento tanto na noção de que a "memória irrompe na atualidade do acontecimento" (COURTINE, 2009, p. 103), como na noção de que o acontecimento é o "ponto de encontro de uma atualidade e uma memória" (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Sendo assim, se o acontecimento mobiliza novos processos discursivos, ele está na interseção do esquecimento (base da formação do sujeito) com a memória (base do imaginário do sujeito). Isso ressalta que o que será significado não pode deixar de contar com o aspecto desejante do sujeito, dotado, então, de inconsciente.

Tais conceitos mobilizados pela Análise do Discurso nos permitem refletir sobre o processo discursivo efetivar a relação do simbólico com o imaginário devido à instabilidade das certezas do sujeito. Entendemos, com isso, o imaginário como sendo estruturado pelo simbólico que, por sua vez, se constitui pelas estruturas históricas e linguísticas que permitem que o sentido se constitua como uma certeza... imaginária. A certeza se equivoca dependendo da inscrição do sujeito na representação das novas estruturas simbólicas mobilizadas por um acontecimento, por isso ela é instável.

Nesse ponto ocorre uma junção de efeitos do imaginário e do simbólico capaz de nos satisfazer em ilusões e certezas. A certeza, por ser um imaginário, inverte a constituição do ser pelo ato de pensar, como formulado por Di Ambra: "se eu não

penso, eu sou"[6] (DI AMBRA, 2003, p. 20). Assim, a psicanálise efetiva a oposição ao aforisma cartesiano *penso, logo existo*.

Quando há o pensamento, há uma determinação de uma instância anterior. Isso configura as conjunturas pertencentes às simbologias que guiam, sem ser de forma perfeita e homogênea, as significações dos significantes presentes no sujeito que fala e que deseja significar. Isso associa o inconsciente com a linguagem, permitindo os aforismas "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (LACAN, 1988[1966], p. 25) e "o significante [...] representa um sujeito para outro significante" (LACAN, 1988[1966], p. 150). Essa estruturação ocorre no momento em que o bebê entra em contato com a linguagem e, por conta disso, acede ao simbólico (MARIANI & MAGALHÃES, 2013).

O sujeito, então, só existiria na linguagem. Sem ela (a linguagem), não haveria pensamento, portanto, na própria lógica cartesiana, ele *não existiria*. É a linguagem, dessa forma, que fornece o estatuto do ser, mas isso ocorre por um processo além da vontade e das percepções conscientes daquele que vai se afirmar como *eu sou,* ou, na temática em questão, *eu amo*. O sujeito, nessas concepções, é um não todo, é dividido, é constituído pelo equívoco.

Assim, o equívoco, por conta da incompletude do sujeito, é parte constante dos processos discursivos. Consideramos por isso a possível inscrição do sujeito no enunciado:

> SD1: A mãe de um bandido ama profundamente o filho [...] Concordar com a prática é uma coisa, amar uma pessoa é outra. Eu amo os homossexuais, mas discordo 100% de suas práticas. [...] Amo os homossexuais como amo os bandidos, os assassinos […][7].(grifo nosso)

Aberta ao equívoco, essa SD, no seu contexto cristão, serve para justificar a resistência aos direitos civis dos homossexuais. Resistir, mas dizendo que ama. Há tanto a aprovação como a reprovação. É o dizer que aceita no mesmo dizer que nega: ama, mas não aceita. A denegação própria do equivoco que divide o sujeito.

A ação de cometer crime é equiparada à ação de amar alguém do mesmo sexo. O sujeito é definido pela ação, encerrando-o numa sequência fonética formada para

[6] "Si je ne pense pas, je suis" (DI AMBRA, 2003, p. 20).
[7] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wDBQursHCg8> (tp. 16:10). Acesso em 07 maio. 2019.

dizer o que ele seria pelo que ele faz: *[ˈgej],* da palavra *gay*. A palavra, em si, não contempla a demanda pela significação do que foi dito, estando aberta ao equívoco. A conjunção *como* equipara o ato de amar a duas definições de um sujeito. Tais definições são possíveis pelo imaginário das práticas que categorizam o que seria um homossexual e o que seria um bandido. Não se trata do sujeito em si, mas do que se pensa dele.

Ou seja, uma definição que vem de uma instância que antecede o próprio sujeito definido. A definição, ao estipular um nome, designa algo, mas, como lembra Pêcheux, sem representar (1995[1975])[8], remetendo ao impossível (real) da língua. A representação da designação das palavras ocorre senão pelo imaginário, quando o sujeito, então, está representado pelos significantes. A subjetividade analisada nessa SD institui quem vai ser amado, pela tentativa de estipular uma definição. Trata-se de amar um sujeito que é definido pela sua forma ou de agir (criminoso) ou de amar (gay). A abertura ao equívoco se impõe, pois a estrutura do simbólico não estabiliza as certezas, nem do amor, nem da definição de um sujeito.

A SD1 é um recorte da fala de um pastor. O endereçamento dessa SD não necessariamente é ao homossexual ou ao bandido. Os sujeitos que se deixam representar nessa sequência de significantes estão além do que é designado. Nesse enunciado, o próprio sujeito constitui um imaginário de si, se colocando ele mesmo como um representante de uma doutrina religiosa. Tal enunciado, porém, se dirigido aos religiosos, permite que sujeitos do discurso militante se representem também nesses significantes, por isso consideramos as SDs como conjunto aberto de articulações.

O posicionamento sobre a SD1 constitui discursivamente os sujeitos favoráveis ou contrários à prática que define um (sujeito) homossexual, confundindo o agir com o ser. Para o sujeito religioso, é o sentido que possibilita condenar, mas sem negar o amor. Para o militante, é o sentido que confundi a prática de amar alguém do mesmo sexo com a prática de cometer crimes (ou pecados).

Logo, o dizer é, assim como o sujeito, marcado pela falta, pelo não-todo que induz ao equívoco. O sujeito acredita que sabe o que deve dizer, mas acaba falando outra coisa, marcando, sem ele saber, um deslocamento. Sendo assim, o sujeito não

[8] Pêcheux estabelece esse entendimento na observação do nome próprio. O que nos interessa é manter a noção da representação pelo significante, e não pelo sentido, pois as palavras, por si, não possuem sentido literal. No desenvolvimento desse raciocínio, Pêcheux cita o aforismo da representação dos significantes nos sujeitos feito por Lacan, já mencionado neste texto.

fecha o sentido do que diz quando enuncia amar o homossexual na mesma proporção que ama o bandido. Isso quer dizer que os sujeitos que se posicionam favoravelmente aos direitos dos homossexuais se sintam representados pela SD1 ao contestarem o sentido que induz a noção concessiva de amar alguém apesar dele ser gay, assim como se amaria um bandido.

Dessa forma, o sujeito que fala não é o sujeito que se diz sujeito (na ilusão empírica da certeza do dizer ser), mas o sujeito da "forma sujeito" (PÊCHEUX, 1995[1975], p. 198), inserido na (e constituído pela) linguagem. Essa inserção e constituição ocorrem com todos seus esquemas de certezas e evidências fornecidos pela ideologia e, além disso, com toda determinação do inconsciente que remete a falha, ao equívoco. A denegação do amor ao equiparar o homossexual ao bandido não seria só uma posição ideológica, ou uma interdição da formação discursiva. Há uma divisão nesse sujeito que diz amar, porém, sem se dar conta, não ama.

Assim, procuramos compreender as supostas escolhas e os equívocos nos sentidos daquilo que é dito sobre a prática homossexual. O cenário é de uma disputa por significação em que estão: por um lado a militância com a discursivização da temática favorável à homossexualidade; e, do outro lado, a resistência aos significados possibilitados por conta da discursivização militante. Dessa forma, na próxima sessão deste trabalho, será ressaltado que não se trata só do que se deve amar, mas sobre como se deve amar.

A divisão do sujeito no direito de amar

Uma das demandas pelo direito civil é o casamento entre homossexuais, ou seja, tornar legal esse tipo de amor. Ser legível é ser aceito, não só no que se faz, mas no que se define: agir como gay, ser gay. É, na nossa temática, amar o homossexual e o amor d(n)o homossexual. Tem-se o deslize de um significante ao outro, nesse caso entrando na língua ou como verbo (ação) ou como substantivo. Amar e o amor, como significantes, não estão ligados a um significado, a uma literalidade. O sujeito, que vai se deixar representar por tais significantes, deixa impor também suas determinações ideológicas e inconscientes.

Se na SD1 o limite do sentido do amor está no agir que define o homossexual, separando *o amor a uma pessoa* do *amor à prática que define essa pessoa*, o que analisamos agora é o amor da própria pessoa. A interpelação não demanda apenas quem é amado (amar o homossexual), mas também quem ama (amor do homossexual). O sujeito constituído na disputa pelo direito do amor do próprio homossexual se constitui, então, como aquele que se posiciona sobre o direito de amar (o sujeito que ama), e não apenas no direito de quem vai ser amado.

Isso quer dizer que não se trata de amar, como algo planejado ou parte de um processo fenomenológico. Trata-se de refletir sobre o amor, alterando o aspecto do imaginário e do simbólico porque não apenas se refere à definição de um outro sujeito, mas se refere ao próprio sujeito que fala. O imaginário mobilizado, então, não é só sobre o outro, mas sobre si. O que isso pode significar? Uma reflexão que perpassa uma longa história das práticas humanas e tem base num dos principais fundamentos da doutrina religiosa cristã: *amar o próximo como a ti mesmo*. É uma interpelação sobre si mesmo, sobre a forma que se ama.

Amar pode ser um verbo transitivo. Uma ação direcionada a alguém, porém sem distinção: ame o próximo. O complemento, por ser amplo, até mesmo indeterminado, desloca para a intransitividade do verbo, formando um possível imperativo: apenas ame! Um deslocamento que no próprio versículo bíblico é colocado como um sacrifício.

> SD2: E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios. (BÍBLIA, Marcos, 12,33)(grifo nosso)

Há um deslocamento da constituição do sujeito que é dito e constituído no discurso. Não é apenas a disputa de sentidos que coloca de um lado o sujeito que define e, de outro lado, o sujeito que se deixa ou não definir. Trata-se, nesse segundo caso, do próprio sujeito que se constitui como aquele que ama. A fronteira imaginária que separava um sujeito de ser ou não gay é rompida.

No direito ao casamento, o que se coloca não é a definição pela diferença, mas sim pela igualdade. É o amor como equivalente, único. Não há, no sentido permitido pela reivindicação política, a diferença do amor de um gay para o amor de outra

sexualidade. Trata-se então, de outra subjetividade, tanto no posicionamento contrário, como no posicionamento favorável a esse sentido do amor.

Se a SD1 mobilizava a distinção entre o ser e a prática que define o ser para significar o amor, na SD2 é ressaltado o próprio sujeito que deve amar. Da certeza do *amar aquele que age como gay,* para a certeza de simplesmente *amar o gay*. Neste último caso, a estrutura do simbólico impele um imperativo com recursos linguísticos mais simples. Porém, na representação dos significantes, entendemos que o simbólico se torna mais complexo porque fragiliza a certeza do imaginário de si e do outro.

Temos, então, o pressuposto que o sujeito se constitui pelo equívoco próprio do processo discursivo. Isso quer dizer que na SD1 já há um imaginário sobre si que significa um significante. A diferença ressaltada é sobre o posicionamento do sujeito, pois na primeira estrutura fica estipulada uma dicotomia, um outro. Ou é o religioso que estipula quem e como deve ser amado, ou é o militante respondendo a essa estipulação. É como se dois posicionamentos pré-estabelecidos estivessem se reafirmando, cada um se deixando representar nas próprias certezas.

Nesse segundo caso, a interpelação requer um posicionamento único, mobilizando uma intransitividade do imperativo verbal da ação de amar. Porém, como a constituição do sujeito não é estável, a denegação e o equívoco vão se impor também na SD2. O amor denegado é o equívoco discursivo: de "amo um homossexual como amo um bandido" (SD1) para "ame o próximo como a ti mesmo" (SD2) há um deslocamento determinante do complemento da ação de amar. Trata-se da passagem de um aparente significado evidente (gay ou bandido) para outros ignorados, silenciados ou confundidos (o outro como equivalente a quem enuncia). O simbólico que faz significar o que deve ser amado na SD2 sustenta, assim como na SD1, o imaginário que faz denegar o que foi significado: o amor a quem?

No primeiro caso, há a denegação de dizer que aceita no mesmo dizer que nega. No segundo caso, a denegação está no implícito de como o sujeito se deixa representar, requerendo, portanto, a noção de adversidade: ame a todos, *mas*[9]... Ou seja, para manter a divisão do sujeito na falta que o constitui, ele recorre sempre a mais um significante para representá-lo.

[9] Não se reduz essa representação somente no debate dos discursos religiosos e militante gay, mas ressaltamos que nossa análise se concentra no efeito de sentido dessa dicotomia religiosa/militante.

Essa falta é tão recorrente que há a repetição do sentido da indeterminação do amor, mobilizando a própria circulação desse sentido na língua e na história:

SD3: Consideramos justa, toda forma de amor (*cf. figura 1*)

SD4: Consideramos justa, toda forma de amor[10]

A repetição é a marca da exposição dessas sequências discursivas. De acordo com Pêcheux (1990), todo enunciado se torna outro. Refletimos com essa premissa a noção de que os enunciados nunca são os mesmos. As retomadas de significantes nas SDs destacadas, apesar de indicar um fio discursivo, impõem a polissemia. É o mesmo no diferente (ORLANDI, 1998).

O sentido do amor se coloca como uma condição desse processo discursivo envolvendo as disputas pelos direitos dos homossexuais. Podemos destacar duas bases de significação para justificar tal condição: é a justificativa para a união afetiva (se pensarmos em termos de prática social); e faz parte retoricamente do uso do *pathos* como forma de convencimento moral (se pensarmos em termos do funcionamento discursivo).

Faz-se necessário enfatizar que esses dois motivos destacados são complementares. A prática homossexual se justificaria não apenas como uma condição humana de amar, mas também pela benevolência necessária de incentivar culturalmente o amor entre as pessoas. As filiações ideológicas para determinar os sentidos no discurso da palavra amor na militância homossexual podem estar determinadas pelos posicionamentos dos sujeitos nessas justificativas. O inconsciente, por outro lado, determina a representação do significante *amor* no sujeito que o fala e escuta, retomando a ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Se amar se constitui como uma das principais premissas proferidas pela doutrina cristã, como o posicionamento contrário sobre a "outra forma de amor" pode ser enunciado por um reconhecido líder cristão? O equívoco discursivo impõe suas armadilhas exatamente pela filiação ideológica e afetação inconsciente do cristão à certeza da negatividade presente na significação do termo homossexualidade e seus

[10] Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/103/> Acesso em 07 maio. 2019.

derivados. O sujeito se faz no discurso, não é uma essência, por isso não há uma essência no significado da palavra *amor* em um sujeito que se diz cristão.

Sendo assim, analisamos o equívoco do sentido do amor no imperativo bíblico da SD2 para ressaltar a adversidade necessária para representar o sujeito dividido no discurso. Foi ressaltada que a relação entre o simbólico e o imaginário não se fecha, não se encerra. O imperativo incondicional da ordem para amar é permeado pelas certezas do imaginário, impondo o equívoco a partir da junção da língua com a história. Há tanto as demandas da circulação dos sentidos já ditos sobre os significantes *homossexual* e *amor*, quanto as demandas do sujeito afetado em seus desejos na representação desses significantes.

Por isso frisamos a denegação. Ou seja, é o amor referente a ele mesmo, mas negando sua heterogeneidade no processo de significação. Desta forma, ressaltamos a presença do seu sentido antagônico, o ódio, até mesmo se o pensarmos numa posição recalcada como motivadora do sintoma do equívoco (afetação inconsciente). Isso constitui o próprio processo desejante do sujeito, que, nesse caso, busca um significado para o amor que deve ser negado, sem estabilizar o imperativo bíblico ao mobilizar a adversidade: ame a todos, mas nem tanto.

Se a parte do inconsciente trabalha na demanda por um *a mais*, a parte ideológica trabalha no posicionamento desse *a mais*. Desta forma, retomamos a dicotomia entre o discurso religioso e o militante. Reiteramos que não se tratam de categorias, ou fixar uma fronteira entre duas formações discursivas, mas apenas de direcionamentos teóricos para nossa argumentação. Religioso, no nosso caso, são as significações pautadas no amor cristão. Militante, por outro lado, são as significações da militância favorável aos direitos dos homossexuais.

As duas enunciações da SD3 e SD4, “consideramos justa toda forma de amor”, coadunam a perspectiva liberal da aceitação da prática homossexual. Essa noção de amor permissivo é repetidas vezes encontradas nos argumentos presentes no discurso militante favorável aos direitos gays.

O amor, nesse caso da militância favorável ao homossexual, além de se pautar na premissa cristã (SD2), pode ser também interpretado como uma resposta às investidas argumentativas presente na *formação discursiva* contrária aos direitos gays, pois as SDs são consideradas como um conjunto aberto de articulações (COURTINE,

2009, p. 115). Ou seja, do enunciado cristão representando posições contrárias, se faz também as posições favoráveis. Uma articulação entre posições ideológicas pela resposta implícita do discurso militante homossexual ao discurso cristão. Essa resposta possivelmente alimenta o equívoco do amor e permite a maior presença, no discurso, do antagonismo do amor: o ódio.

O amor, nos enunciados cristãos, deve dialogar com a necessidade de categorizar a dicotomia basilar da religiosidade monoteísta: o certo e errado; o bem e o mal. O confronto dos significados entre amor e ódio permeia as filiações ideológicas e as afetações inconscientes dos sujeitos constituídos nesses discursos em disputa.

Nessa razão, como visto, o homossexual pode se equivaler ao bandido. Cabe, nesse ponto da análise, atermo-nos no equívoco implícito do imperativo bíblico. A adversidade necessária da divisão do sujeito que deve *amar o outro como a si mesmo* é materializada na língua a partir de um acontecimento histórico específico.

Um caso emblemático pode ser colocado como referência: a repercussão do enunciado "nem santo te protege, use camisinha" estampado na 15ª Parada do Orgulho LGBTQ+ realizada em São Paulo no ano de 2011. Esse enunciado era acompanhado com imagens de santos católicos erotizados. O arcebispo da arquidiocese de São Paulo na época do acontecimento, o Cardeal Dom Odílio Scherer, publicou uma nota sobre o caso em tom de desaprovação.

Em seu programa "Vitória em Cristo", o Pastor Silas Malafaia, descontente com a reação do Cardeal da Arquidiocese de São Paulo, fez declarações que nos remetem tanto ao equívoco no uso dos significantes quanto à importância da memória discursiva na significação:

> SD5: Os caras na Parada Gay ridicularizaram símbolos da Igreja Católica e ninguém fala nada. É pra Igreja Católica entrar de pau em cima desses caras, sabe? Baixar o porrete em cima pra esses caras aprender. É uma vergonha.[11](grifo nosso)

Se em uma sequência discursiva (SD2) o amor é colocado como um sentimento necessário para se ter (sentir) perante todos indeterminadamente, nessa última sequência é materializado o sentido de que nem todos devem ser amados (ame a todos, mas...). "Entrar de pau" e "Baixar o porrete" foram considerados pelos movimentos em defesa

[11] Disponível em: <https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/366393603/tribunal-manda-retomar-acao-contra-malafaia-por-homofobia> Acesso em: 07 maio. 2019.

dos direitos gays como provocação de agressão. O discurso militante, nesse caso, se pauta numa memória de agressões físicas direcionadas aos homossexuais e que motivam a luta pela criminalização da homofobia. Se considerarmos as posições desses enunciados na disputa discursiva em torno dos direitos civis gays, é possível compreender a repercussão dos equívocos.

A repercussão da fala do pastor se transformou em caso jurídico, pois a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) requereu retratação formal do Pastor sob a acusação de incitação à violência. Em resposta, o Pastor decidiu processar, por difamação e injúria, a ABGLT e seu presidente em exercício no período desses acontecimentos.

Não se pode afirmar a intenção de ódio e incitação à violência quando o pastor enuncia "baixar o porrete". Está em jogo, nessa fala, uma disputa por argumentos. Sua filiação ideológica se localiza na formação discursiva contrária aos direitos gays por uma lógica religiosa. A lógica religiosa, do amor como um holocausto, um sacrifício, permite a ele as evidências de que o grupo homossexual possui hábitos errados, impróprios.

Sentar o pau, nesse caso, não deixa de ser uma defesa dentro da lógica de disputa. Temos em mente que isso se demonstra evidente e coerente no sujeito posicionado em seu próprio dizer. Ele está inserido numa lógica ideológica e numa afetação inconsciente coordenando o seu dizer. Isso retoma, conforme já abordado, a noção de que o sujeito quando pensa, ele não é. Negar a intencionalidade do ódio, além de não invalidar esse sentido, não necessariamente elimina a possível existência recalcada do ódio nos dizeres.

Por conta disso, muitas vezes podemos entender como os discursos do movimento político gay e seus discursos rivais parecem estar endereçados uns aos outros, abrindo a possibilidade de mais sujeitos serem constituídos nos imaginários dessa discursividade. Assim, entendemos que o acontecimento (no caso a militância gay) reatualiza a memória.

Nesse ponto, podemos compreender como a discursivização da causa gay ganhou novos campos de saberes e permite filiações ideológicas e afetações inconscientes mais plurais. Novos imaginários que passam a ser simbolizados no discurso que constituem os sujeitos inseridos nessas disputas. O sentido do amor

constituindo sujeitos no discurso pelos direitos dos homossexuais não fica mais restrito somente no aspecto político e religioso. Conforme ressaltamos, trata-se do acontecimento que, ao reatualizar a memória, cria novas formas do simbólico para sustentar e contradizer imaginários, ressaltando a divisão do sujeito.

As contradições e os equívocos nos sentidos demonstram o processo de inserção desses sujeitos no discurso. Essa inserção não ocorre de forma intencional e consciente. Por conta disso, não podemos considerar as falas das pessoas favoráveis ou contrárias às práticas dos homossexuais como algo premeditado e passível de escolha. Se fosse assim, bastariam as discussões em bares e nos plenários políticos oficiais do legislativo para resolver a questão. Por que, então, ela não se resolve? Exatamente por não haver evidência! Não é uma simples situação de convencer o outro a aceitar algo novo ou fora do padrão costumeiro, obedecendo, por exemplo, ao imperativo materializado na língua pela forma ame.

A resistência à aceitação não ocorre somente por um motivo lógico, mas perpassa uma localização na linguagem em que a interpelação ideológica se encontra com o equívoco próprio do inconsciente. A mudança, quando ocorre, é feita através de um processo que não depende de uma opção do sujeito.

O emprego frequente do significante amor em diferentes posicionamentos, além das esferas de atuação política e religiosa, constitui novos sujeitos, novos imaginários. O contraditório permite a movência, a divisão do próprio sujeito, seu deslocamento. Como observado no seguinte dizer:

> SD6: Minha opinião sobre o polêmico beijo gay: Foi necessário sim. Não gostei, confesso! Mas os atores conseguiram convencer que estavam apaixonados. Acho o homossexualismo bizarro e inadmissível, mas o amor é um sentimento verdadeiro e o beijo afetuoso só ratifica isso. Talvez se o beijo fosse de língua como nos filmes "Cazuza" e "Madame Satã" o meu comentário seria outro. (*cf. figura 1*)(grifo nosso)

A SD6 nos permite refletir sobre a circulação dos dois posicionamentos ideológicos que dão sentido ao amor, permitindo novas constituições de sujeitos divididos pelos seus equívocos. O amor é ressaltado como uma condição de imperativo indeterminado, mas permanece o imaginário da prática que define o homossexual como algo "inadmissível", remetendo a SD1. Essa SD pode ser entendida como efeito da

discursivização da temática favorável ao homossexual, principalmente na primeira década do século XXI no Brasil.

Trata-se de uma afirmação querendo ressaltar uma negação, assim como nas sequências discursivas do discurso religioso. Se a conjuntura o permite perceber a noção de amor condizente com o discurso militante, a filiação ideológica e afetações inconscientes do sujeito constituído na SD6 impedem uma plena afirmação. É como se uma censura tivesse que ser colocada na ação. Um tipo de censura comum na mediação entre pontos antagônicos, sendo um desses pontos reprimido. O deslocamento do sujeito, nesse caso, ocorre por etapas, principalmente nesse processo de denegação e concessão seletiva do tipo: você pode até ser de um jeito, contando que faça do meu jeito.

Por isso entendemos que o processo discursivo se impõe nas constituições dos sujeitos, que, quando pensam, eles não são. Outras instâncias o constituem, ressaltando seus desejos e suas afetações que o fazem se representar na estrutura simbólica que permite e equivoca seu próprio imaginário.

Efeitos de conclusão

Os aspectos da ideologia e inconsciente estariam imbricados na determinação do significado da palavra *amor* nos discursos em questão, tanto na reprodução de evidências e práticas através da ideologia como também nas inserções, dúvidas e falhas do inconsciente. Isso nos faz compreender o sujeito enquanto constituído no discurso, composto pelas determinações dos dizeres permitidos no seu funcionamento simbólico e imaginário.

Assim, percebemos as sutilezas dos acontecimentos que ressignificam significantes, constituindo novos imaginários. No nosso caso, a análise se baseou nas disputas pelos direitos civis dos homossexuais. Entre as posições ideológicas do discurso militante e do discurso religioso analisadas, há a forma em que o sujeito vai se deixar representar pelos significantes que circulam no processo discursivo em questão.

Esses processos, portanto, são incompletos, compostos de falhas e equívocos. Dessa forma, mesmo querendo ser contra uma ideologia, não podemos evitar ser afetado por ela. Pelo equívoco próprio do processo discursivo, o sujeito se inscreve em

significações além da sua vontade, expondo as determinações de seus pensamentos e as possíveis entradas em outras filiações de sentidos. Quando ele pensa, ele não é, ele é senão pelo imaginário, sendo incompleto e sujeito ao equívoco.

Dessa forma, entre o amor piedoso dos sermões bíblicos e o amor incondicional da militância dos movimentos sociais, as respostas e os equívocos desses sentidos alimentam as significações e as disputas. De acordo com as sequências discursivas analisadas, foi possível perceber os deslizamentos do sentido do amor compondo dois tipos de limitação: 1 - a necessidade de negação, separando o sujeito a ser amado da prática que o define; e 2 - a mediação entre a rejeição ao sujeito homossexual e o imperativo de amá-lo como a si mesmo. Por tais movimentos, percebemos que a significação da palavra amor vai depender de como o sujeito, que se constitui no discurso, está posicionado em suas filiações ideológicas e afetações inconscientes, mobilizando comparações e adversidades para tentar estabilizar o seu dizer.



Figura 1

Referências

BALDINI, Lauro & RIBEIRO, Thales de Medeiros. O que é a língua se a psicanálise e o materialismo histórico existem? In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, nº 38, p. 167-187, jul-dez 2016.

BÍBLIA. *Bíblia sagrada*: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

DI AMBRA, Rafaella. *Le concept de sujet dans l´élaboration lacanienne*. Paris: A.E.P Arts Editons, 2003.

LACAN, J. *Seminário, Livro 11*: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988[1966]

MARIANI, Bethânia & MAGALHÃES, Belmira. Lacan. In: OLIVERIA, Luciano do Amaral. *Estudos do discurso*: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola editorial, 2013. 101-122.

MARIANI, Bethânia. *O comunismo imaginário*: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 1996. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) - Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

ORLANDI, Eni. Paráfrase e polissemia. *RUA* - Revista do Núcleo de desenvolvimento da Criatividade da Unicamp. Nº 4, 9-20, Campinas, mar. 1998.

ORLANDI, Eni. Do sujeito na história e no simbólico. In: *Discurso e texto*: Formulação e circulação dos sentidos. Pontes, 2001. 99-108.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: Editora UNICAMP, 1997[1969]. 61-162.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp, 1995[1975].

PÊCHEUX, Michel. Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia [1982]. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2011. 55-72.

Recebido em maio de 2019.

Aceito em dezembro de 2019.